

A crítica de Jorge de Sena

Joana Matos Frias

Joana Meirim

COORDENAÇÃO

Biblioteca Nacional de Portugal

Lisboa, 2022

Apresentação	
JOANA MATOS FRIAS JOANA MEIRIM	13
Fernando Pessoa & C.ª heterónima	15
Sena sobre Pessoa: algumas intuições	
NUNO AMADO	17
O heterónimo Fernando Pessoa	
FERNANDO CABRAL MARTINS	33
Jorge de Sena e Fernando Pessoa, o anti-Camões	
RITA PATRÍCIO	41
A arte de ser moderno	51
«Modernos antigos e modernos» no projeto crítico de Jorge de Sena	
FÁTIMA FREITAS MORNA	53
Poética de Jorge de Sena	
NUNO JÚDICE	61
Especular em verso: Sena e a experiência das artes	
EUNICE RIBEIRO	67
Sena e o fim do jogo	
GUSTAVO RUBIM	87
Forma, conteúdo e tradução	95
Os amigos americanos: Hemingway & Caldwell por Jorge de Sena	
ALEXANDRA LOPES	97
«Traduzibilidade», retórica e apropriação: breves notas sobre Sena, tradutor de poemas de língua inglesa	
RUI CARVALHO HOMEM	115

Inglese, norte-americanos e outros	125
Jorge de Sena traduzindo – Emily Dickinson: <i>um grande poeta, maior que os «menos viris»</i>	
ANA LUÍSA AMARAL	127
Ecos de Ezra Pound em Jorge de Sena	
MÁRIO AVELAR	137
Um Shakespeare em situação	
MIGUEL RAMALHETE GOMES	143
Shakespearizar – Sena, Shakespeare e <i>Sinais de fogo</i>	
MARIA SEQUEIRA MENDES	153
Da importância da teoria da literatura	181
Ler, escrever e contar	
MIGUEL TAMEN	183
Falta uma teoria: Jorge de Sena e Joaquim Manuel Magalhães	
FREDERICO PEDREIRA	191
Jorge de Sena, a arte da fuga às paixões tristes	
SILVINA RODRIGUES LOPES	199
Do teatro e do cinema	221
Em estado crítico: Teatro-Estúdio do Salitre lido por Jorge de Sena	
MIGUEL-PEDRO QUADRIO	223
Jorge de Sena e o cinema	
ELISABETE MARQUES	239
Ser ou não ser <i>Sobre cinema</i>	
JOSÉ BÉRTOLO	247
O Brasil que eu conheci e que admiro	255
A circunscrição brasileira de Jorge de Sena	
ABEL BARROS BAPTISTA	257
«As coisas não se vêem por metade» – Jorge de Sena sobre Machado de Assis	
ARIADNE NUNES	271

Sobre o romance	281
Jorge de Sena e os Realismos	
JORGE VAZ DE CARVALHO	283
<i>Epígrafe para a arte de narrar: Jorge de Sena e o romance</i>	
ISABEL CRISTINA RODRIGUES	291
Líricas portuguesas	303
Jorge de Sena, do surrealismo e arredores	
GOLGONA ANGHEL	305
Postos estão frente a frente. Insuficiências do som	
JOÃO DIONÍSIO	317
<i>Inimigo da cantiga dormente – Jorge de Sena e a lírica portuguesa do seu tempo</i>	
ROSA MARIA MARTELO	327
Camonianos e correlatos	335
Jorge de Sena, leitor de Faria e Sousa	
ISABEL ALMEIDA	337
Camões em Jorge de Sena: onde está a diferença	
HÉLIO J. S. ALVES	349
Jorge de Sena com Faria e Sousa e alguns jogos diabólicos no Camões de ambos	
LUIS MAFFEI	363
Notas biográficas	377

Apresentação

Num texto de 1976, «O poeta e o crítico na mesma pessoa – um depoimento sobre algumas décadas de experiência pessoal», publicado em *Dialécticas teóricas da literatura*, Jorge de Sena assinala o facto de ter tido uma atividade de crítico tão proveitosa quanto a de poeta e de estas duas facetas terem convivido, de forma harmoniosa e regular, desde o início da sua carreira de escritor, a que se juntaria, a partir de 1959, a de «universitário de Letras no estrangeiro». Ainda antes deste texto, vários contemporâneos de Jorge de Sena assinalaram, de forma arguta, o seu percurso enquanto crítico. No número da revista *O Tempo e o Modo* que lhe é dedicado a propósito dos 25 anos da sua estreia poética, em 1968, José Bento assinala o esforço de Sena para a captação da totalidade, sublinhando ainda a «cultura, talento e coragem» que lhe permitem escrever sobre qualquer escritor, sobre qualquer tema, independentemente do contexto espaciotemporal. Neste mesmo número, José Régio reconhece o seu lugar de destaque na literatura portuguesa enquanto criador, mas observa ainda a «excepcional penetração dos seus juízos e apreensões de crítico».

É muito possível que as melhores manifestações desta «excepcional penetração» estejam em livros ou em textos cujo alcance crítico é tudo menos óbvio para um leitor desavisado, como acontece com as brevíssimas notas aos poetas e poemas coligidos nas *Líricas portuguesas*, ou nas traduções (e respetivas notas biobibliográficas) incluídas nas duas antologias *Poesia de 26 séculos* e *Poesia do século XX*, ou mesmo nas notas de rodapé de estudos camonianos, como alerta Sena em carta a José Régio, de 9 de abril de 1966. A propósito de *Uma canção de Camões*, pede a Régio que leia apenas a prosa e não se «assuste» com as aritméticas, sem esquecer de dar especial atenção àquilo que pode parecer secundário por vir em rodapé: «Não se distraia das notas que é onde estão traiçoeiramente escondidas coisas decisivas». Em qualquer um dos casos, são notórias tanto a agudeza do juízo quanto esse ímpeto voraz de tudo abarcar no tempo e no espaço, para lá dos estreitos limites de uma literatura moderna e contemporânea demasiadamente autossatisfeita e autocontemplativa do seu umbigo, ou de uma literatura nacional (portuguesa, sobretudo) excessivamente ciosa da sua historicidade endogâmica.

As várias secções que compõem este livro, e que presidiram à sua conceção, são exemplos de uma tal tentativa por parte de Sena de tudo abarcar, de ser «omni-compreensivo», na expressão certa de Eduardo Lourenço. A extensão e hetero-

geneidade dos tópicos, obras e autores que foi estudando – Fernando Pessoa, Camões, toda a literatura portuguesa e ainda a sua história, a literatura inglesa, norte-americana, brasileira, teatro, cinema, história de Portugal, cultura portuguesa, teoria da literatura, tradução – revelam o gigantismo do seu afã, qual «monstruo de la naturaleza», como Cervantes chamou a Lope de Vega e como Sena se apelidou a si mesmo em entrevista, publicada no número já referido de *O Tempo e o Modo*.

Ao contrário do que se possa pensar, porém, este não é nem pretende ser um livro hagiográfico, e a ambiguidade do título *A crítica de Jorge de Sena* visa dar conta disso mesmo: aqui se pretende revisitar, com a sistematicidade possível, a crítica de Jorge de Sena na maior parte dos domínios em que ela se exerceu, mas essa revisita é também ela crítica, na medida em que cada um dos ensaístas que vão montando este *puzzle* não prescindiu, naturalmente, de desenvolver uma conversa como Sena decerto a apreciaria: viva, animada, questionadora, argumentativa, implacável se e quando necessário.

Não sendo hagiográfico, não deixa de ser um livro de homenagem, que resulta de um encontro realizado na Biblioteca Nacional de Portugal, aquando do centenário do nascimento de Jorge Sena, e que pretendeu dar atenção a uma faceta menos escrutinada do escritor. Os ensaios aqui reunidos dão conta da diversidade dos temas, das ideias e intuições de Sena, e saúdam justamente a sua atitude como crítico e como investigador, como alguém que estuda os autores e as obras no exercício pleno da sua liberdade intelectual, avesso a qualquer tipo de idolatria. De certa maneira, os textos deste volume são um bom exemplo da definição que Sena deu à palavra *cultura* num dos ensaios de *O reino da estupidez*: «a coragem de pensar e sentido das responsabilidades quanto ao que se pensou».

JOANA MATOS FRIAS

JOANA MEIRIM

Sena sobre Pessoa: algumas intuições

NUNO AMADO

Só uma grande intuição pode ser bússola nos descampados da alma
Fernando Pessoa

Uma das virtudes da abordagem crítica de Jorge de Sena à obra de Fernando Pessoa, a de olhar para os textos sem as palas teóricas que o condicionassem a ver nessa obra o que em boa verdade poderia ver em qualquer outra, reflete-se a meu ver no modo como intui desde muito cedo, e ainda antes da divulgação plena do que dessa obra havia por revelar, alguns dos aspetos que a crítica pessoana mais tarde trataria de tornar pertinentes. Em parte pela própria argúcia, em parte por não ser um leitor encartado, condição que por vezes conduz ao confisco da inteligência, Sena parece ter sido especialmente capaz de identificar pequenos pormenores na obra de Pessoa que não só dialogam com o âmago dela como a iluminam inesperadamente.

Não significa isto que não haja no muito que Sena escreveu sobre Pessoa momentos de menor fulgor, repetições desinteressantes, ingenuidades ou pequenos delitos. É o caso do alegado complexo de inferioridade do poeta, tal como exposto por Sena em «Introdução a o *Livro do desassossego*», o longo estudo que serviria de introdução à sua edição do livro, e que abandonou em outubro de 1969:

Muitas vezes Pessoa, abertamente ou implicitamente, se lamentou de não ser desses a quem havia sido dada a criação em escala monumental. Em face dessas catedrais, magníficas, ele sentia-se, por toda uma imposição das tradições culturais, um poeta irrealizado, dispersivo, menor (SENA 2000: 158).

A menos que estivesse a pensar nos frequentes queixumes de Bernardo Soares a respeito da celebridade não obtida, ou no Álvaro de Campos da «Tabacaria», é difícil perceber a que lugares de confessada humildade se refere Sena nesta passagem. Supor que um poeta cujo aparecimento público em 1912 se havia concretizado, num sinal de *hybris* inimitável, no prenúncio de um supra-Camões vindouro que não era senão ele mesmo, que um poeta assim prematuramente autolaureado que, mesmo em alturas de crise e quando a glória parecia tardar, não parece ter duvidado nunca das suas capacidades, se pudesse na verdade sentir ensombrado pela existência de obras monumentais para as quais não possuía o génio suficiente não parece fazer qualquer sentido. Mesmo que pudesse lastimar o pouco

reconhecimento que teve em vida, e que por isso não se considerasse realizado, é irrazoável que Pessoa não se achasse à altura dos maiores.

Sena, na verdade, tem alguma desculpa. Como se percebe pela explicação que fornece de imediato, a ideia não é propriamente sua. De acordo com o seu argumento, Pessoa «vinga-se constantemente dessa consciência amarga» de não ser o poeta predestinado que gostaria de ser «ridicularizando ou minimizando todas as ilusões de grandeza» na sua poesia lírica. Os heterónimos seriam assim, portanto, a escapatória possível para a frustração; serviriam de desagravo contra a grandeza que sabia não poder almejar. A dificuldade desta posição, é claro, é a aparente contradição entre a ausência de grandeza do poeta e a inequívoca grandeza das criaturas a que deu expressão. Apercebendo-se dessa dificuldade, Sena defende-se:

Mas, ainda quando as obras magnas existam para humilhar e fascinar os que não são capazes de fazê-las (e Pessoa não é, tenhamos paciência e ele postumamente também, um Dante, um Camões, um Goethe, ou o Shakespeare ou o Milton, que ele fazia tanta questão de fingir que admirava mais), isso não implica que o poeta que elas humilham seja muito menor que os autores delas. Um poeta é *maior*, não apenas por realizar obras magnas como estruturas estéticas, mas por ter e viver uma visão do mundo, por impor a si mesmo essa visão em tudo quanto cria. Se a visão é negativa, demoniacamente negativa, o preço dela é também, ainda que o poeta se doa às vezes de pagá-lo, a incapacidade para a realização estética de uma obra colossal como aquelas que demos por invejáveis (2000: 158-159).

A posição de Sena a respeito das insuficiências de Pessoa e o entendimento da heteronímia enquanto mecanismo de combate a tais insuficiências, tal como exposta nesta passagem, é idêntica à de Eduardo Lourenço, quando sugere em *Fernando Pessoa revisitado*, 1.^a edição de 1973, que Pessoa sabia no fundo do seu coração que não possuía o «dom de rivalizar com Deus perdendo-se por amor nas suas criaturas, dom de Homero, de Dante, de Shakespeare, de Milton» (LOURENÇO 1981: 57), que a única coisa de que dispunha era da capacidade para «fingir até aos limites do verosímil» (*ibidem*) que deveras o possuía, e que, portanto, o conteúdo concreto do drama em gente não é outro que não o da «impotência criadora» (*ibidem*). Lourenço não está aqui a replicar ideias de Sena. Um e outro, pelo contrário, reproduzem por palavras próprias aquilo que João Gaspar Simões dissera a esse propósito em 1950 na *Vida e obra de Fernando Pessoa*: «enquanto Shakespeare ou Dante, Homero ou Milton [...] utilizaram o “drama” e as “personagens” como modos de realização do seu génio literário [...]» Pessoa «limitou-se a desdobrar-se apenas no plano da sua realidade de escritor» (1987: 240). Esta alegada inferioridade é para Gaspar Simões uma confissão da incapacidade de Pessoa «para criar objetivamente,

no campo literário, utilizando a sensibilidade e a imaginação, essas obras em que os grandes espíritos realizam conceitos de vida ou pensamentos filosóficos» (*ibidem*, p. 240-241). Quer os nomes dos poetas postos a comparação, quer a suposição das insuficiências criativas de Pessoa, mostram que foi a Gaspar Simões, que aliás não reformula senão a leitura de José Régio logo em 1927¹, que Sena e Lourenço foram buscar a inspiração para tais ideias.

É, pois, sob pesada herança de uma tradição crítica muito particular, que nunca perdoou a Pessoa a audácia de não dispensar o uso ponderado do intelecto no seu ofício de poeta, que Sena olha para as qualidades de Pessoa. É verdade que Sena (como aliás Lourenço) procura depois salvar Pessoa da inferioridade a que Gaspar Simões o sentenciava, reconhecendo-lhe a superioridade não nas obras que não realizou mas na visão do mundo que a si mesmo impunha. Mas não rejeita a tese presencista da impotência criadora. O que procura, ao deslocar a grandeza poética das obras que a revelassem para essa visão do mundo, é conciliar essa tese com a intuição de que as criações dispersas a que Pessoa se entregou, e que para Gaspar Simões seriam demonstrativas da sua incapacidade como poeta, eram na verdade o próprio sinal do seu génio. E é essa obstinação conciliatória que conduz Sena, a meu ver, a uma interpretação equivocada a respeito da função da heteronímia na obra pessoana. Como acreditava que Pessoa era um grande poeta e como não havia grandes obras que lhe atestassem a grandeza, restava-lhe assumir que as não concretizara precisamente por causa daquilo em que residia a sua grandeza, a saber, uma visão do mundo tão «demoniacamente negativa» que o incapacitava para a «realização estética de uma obra colossal» (SENA 2000: 158-159). O corolário dessa visão negativa do mundo, como o sugere depois, é a própria «negação do eu» (*ibidem*, p. 163). Enquanto a inexistência de obras bem acabadinhas, de fôlego largo, que pudessem rivalizar com as obras magnas dos poetas antigos, o leva a aceitar a inexistência de capacidade em Pessoa para realizá-las, tal como proposta por Gaspar Simões, a necessidade de lhe justificar a grandeza, apesar disso, leva-o então a presumir a própria inexistência de Pessoa. A ideia de um «homem que nunca foi», tal como exposta no título da comunicação lida em 1977 na Brown University,

1 Ainda que prodigioso, o intelecto de Pessoa é, para José Régio, um obstáculo à espontaneidade, à inspiração, ao génio. No número 3 da revista *Presença*, escreve assim: «A dispersão de personalidade e o senso inquietante do Mistério são características que aproximam Fernando Pessoa de Mário de Sá Carneiro. Mas o que em Mário de Sá Carneiro aparece como manifestação de génio, aparece em Fernando Pessoa raciocinado, consciente, voluntário. Tão raciocinado, tão consciente, tão voluntário como parece? É difícil julgá-lo. Fernando Pessoa leu muito e bem. – toda a sua obra aproveitou das suas leituras... Mas o que nos seus poemas se sente apontado ao Artista pelo crítico está geralmente de íntimo acôrdo com o temperamento do Artista. Por todas estas vantagens Fernando Pessoa tem estofo de Mestre, e é o mais rico em direcções dos nossos chamados modernistas. Mesmo o que às vezes se vislumbra de impotência criadora na sua Arte revela superioridade intelectual. A inspiração raro o desvaira – mina-o. E quando o Artista não toma a dianteira, o crítico ou o metafísico fazem de artistas... e superiormente» (RÉGIO 1927: 2).